

Faculdade Ciências da Vida – FCV

## **O LUTO, SUAS VIVÊNCIAS E AS MODIFICAÇÕES DA ESTRUTURA FAMILIAR DIANTE DA PERDA DO ENTE QUERIDO.**

Natasha Narcia Marques Dias Gonçalves<sup>1</sup>

Luciana Cassino<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A morte é algo comum para todos os seres humanos independente de sua etnia ou cultura sendo o luto definido como um processo e considerado saudável o passar por ele. No entanto a perda de ente querido resulta em uma reorganização no âmbito familiar podendo ser singularizada por diferentes fatos tais como um enfrentamento em realizações de atividades que outrora feitas pelo falecido e agora faz parte da vida do enlutado ou mesmo um isolamento decorrente da perda, esses episódios podem trazer malefícios emocionais caso esse transcurso do luto não seja bem elaborado, gerando em algumas situações uma patologia. Ocasionalmente em uma melancolia que pode ser classificada como a interiorização do seu objeto de amor proporcionando sintomas que caracteriza em tristeza profunda, interiorização, menosprezo de si mesmo. O objetivo geral desse trabalho foi analisar o enfrentamento do luto no âmbito familiar e os objetivos específicos foram classificar as tarefas ou fases em que a pessoa enlutada passa com relação a esse enfrentamento, descrever as possíveis modificações que pode ocorrer no âmbito familiar ressaltando de uma maneira sucinta quando o luto normal torna-se um estado patológico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza de entrevistas semiestruturadas como método. Foram entrevistadas oito pessoas que perderam um familiar residentes na cidade de Sete Lagoas MG.

**PALAVRAS-CHAVES:** luto; enfrentamento; reorganização familiar.

### **ABSTRACT**

Death is common to all human beings regardless of their ethnicity or culture and grief is defined as a process and considered healthy to go through it. However, the loss of a loved one results in a reorganization in the family environment and can be singularized by different facts such as a confrontation in activities that were done by the deceased and now part of the bereavement's life or even an isolation resulting from the loss. Episodes can bring emotional harm if this mourning course is not well elaborated, generating in some situations a pathology. Occasion in a melancholy that can be classified as the interiorization of your love object providing symptoms that characterizes in deep sadness, interiorization, self-contempt. The general objective of this work was to analyze the grief coping in the family context and the specific objectives were to classify the tasks or phases in which the bereaved person goes through this coping, to describe the possible modifications that can occur in the family context, emphasizing in a way succinct when normal grief becomes a pathological state. This is a qualitative research that uses semi-structured interviews as a method. Eight people who lost a family member living in the city of Sete Lagoas MG were interviewed.

**KEYWORDS:** mourning; coping; reorganization.

### **1 INTRODUÇÃO**

---

*Graduanda em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida. FCV*

*E-mail: [natmarquesdias@hotmail.com](mailto:natmarquesdias@hotmail.com)*

<sup>2</sup> *Psicóloga, CRP06/788, Especialista em Neuropsicologia - UNA, Especialista em Psicooncologia - Ac Camargo; Especialista em Marketing de Serviços-FAAP. E-mail: [luciana.cassino@terra.com.br](mailto:luciana.cassino@terra.com.br)*

A morte faz parte do desenvolvimento humano e é considerada por muitos como a única certeza de vida. Ainda assim, o tema morte muitas vezes mostra-se um tabu, alguns têm medo dela, outros possuem crenças afirmativas de que a morte não é o fim, mas um progresso de evolução, ou que a vida terá um novo começo em outro lugar, existem aqueles que não gostam de mencionar o fato de que a morte chegará a algum dado momento, porém, todos a seu modo enfrentam a dor da perda que a morte provoca.

A ausência do outro, no sentido de não poder ver, tocar, sentir o cheiro, ouvir a voz; causa um incômodo gigantesco na vida daqueles que o amava, ou melhor, essa ausência gera sentimentos diversos e conturbadores no contexto em que o falecido estava inserido, ocasionando então o processo denominado luto, que se refere a perda ocasionada por morte, ausência da pessoa amada ou mesmo por objetos, sendo esse processo do luto classificado por Worden (1998), na elaboração de quatro tarefas.

De acordo com Kubler- Ross (1996) essas incumbências vivenciadas no luto são criadas de sentimentos complexos, que cada ser humano experimentará de maneiras diferentes uns dos outros, ou da mesma forma, variando a intensidade. Esta vivência causada pela perda do ente querido poderá ocorrer modificações na estrutura familiar, podendo os membros da família ocupar o lugar do falecido, não conseguir dar continuidade a projetos antes em andamento, pode ocorrer um afastamento em atividades de lazer ou uma constância maior, e em diferentes lugares, ou mesmo o isolamento de algum membro da família. Tendo, portanto essa pesquisa os objetivos de analisar o enfrentamento do luto no contexto familiar, classificar as tarefas do luto e a maneira que esse interfere no âmbito familiar, as possibilidades de uma modificação na reorganização da estrutura familiar e descrever de forma sucinta o momento em que o luto deixa de ser um fator saudável na sua vivência e passa a ser patológico.

Diante disso, essa pesquisa tem como problematização buscar quais às adversidades encontradas no luto, e como os familiares as faceiam ao se ocasionarem com a perda de um ente querido, levando em conta os relatos de Freud (1917/2011), em sua obra *Luto e Melancolia* na qual o mesmo destaca o enfrentamento de um estado melancólico, também conhecido como depressivo, de um indivíduo que vai do enfrentamento do processo do luto para a interiorização dessa perda.

Este trabalho pode contribuir para discussões teóricas sobre a vivência do luto, bem como, com elaborações estratégias de intervenção para enfrentar a situação da morte e as alterações que este fato proporciona no âmbito familiar. O sentimento causado pela perda de um ente querido pode acarretar em algum tipo de demanda como em uma possível depressão ,

ressaltando, portanto, que essa pesquisa expressa importância, pois ao se buscar uma literatura recente sobre assunto notou-se uma carência no que se refere à contemporaneidade.

Logo, é um trabalho bibliográfico, com base em autores conhecidos da área como Sigmund Freud (1917/2011), Worden (1998) e Küller-Ross (1996), que em suas obras trazem um conhecimento enriquecedor para o assunto em questão. Artigos científicos encontrados nas bases de dados LILACS, Scielo e PEPSIC, selecionados entre os anos de 2015 à 2019, utilizados para uma compreensão mais recente no que diz respeito ao luto e o que ele ocasiona.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 AS TAREFAS VIVENCIADAS PELO ENLUTADO.**

O luto ocorre quando o indivíduo se depara com a falta do outro, sendo algo peculiar de cada um. Rodrigues (2016), assim como Freud (2011), afirmam que o luto trata-se de uma perda; podendo ocorrer em outras ocasiões para além do falecimento do ente querido, o luto pode ser notado pela perda ocasionada por fatos sentimentais ou por objetos. Freud (2011) declara que há uma libido depositada neste objeto de amor e quando o objeto não está mais ali essa libido é obrigada a se desligar do objeto.

Diante dessa falta do objeto amado ocasiona o luto descrito por Freud (1917/2011) como sendo de extrema importância o passar por ele, para que ocorra um equilíbrio e a finalização do luto, apresenta que a conclusão de passar pelo luto é inescusável para que o ego fique desprezado e desenvolvido novamente. Worden (1998) propõe quatro tarefas auxiliadoras no processo do luto sendo elas; aceitar a realidade da perda, elaborar a dor da ausência, adaptar-se ao meio onde está a ausência do falecido, reconduzir em estados emotivos o ente querido e prosseguir com a vida. Sendo, portanto, as tarefas que ele propõe.

A primeira tarefa é aceitar a realidade. A pessoa enlutada pode passar pelo fato de negar a morte do seu ente querido, aderir o pensamento de que não é verdade, imaginar ver o ente em determinados lugares, apegar-se aos objetos da pessoa falecida, dizer que a pessoa não era tão importante assim (BOWLBY, 1985). Tais fatos comprometem o processo dessa tarefa e para que haja uma adequada finalização desta primeira tarefa sugere que o enlutado compareça a certos ritos, tais como o velório e sepultamento do ente querido, trazendo assim

uma afirmação concreta da morte, sendo a participação nos ritos uma opção a ser considerada para essa realidade. Essa tarefa pode ser duradoura devido às diversas formas de negação que o enlutado agrega para si, evitando o cumprimento da tarefa de aceitar a veracidade da perda (WORDEN, 1998).

Elaborar a dor da ausência, segunda tarefa. Os enlutados possivelmente passam por essa fase cada um a seu modo, a peculiaridade com que cada pessoa irá sentir a dor da perda não é regra para todos; alguns evitam essa dor simplesmente apagando a pessoa das suas lembranças e esse fato pode ser prejudicial, podendo gerar uma probabilidade de ocasionar patologias no futuro, outros passam pela dor saindo do ambiente rotineiro e fazendo diversas viagens, tem aqueles que centralizam os pensamentos em momentos bons vividos ao lado do falecido, evitando sentir a dor. Para Bowlby (1985), nessa fase há uma grande resistência, pois, aceitar a perda é laborioso. É necessário passar por essa dor da perda, concluir essa tarefa trata-se de encerrar a realidade da ausência, caso não aconteça ela pode se torna sintomas atingindo o corpo físico (WORDEN, 1998)

Adaptar-se ao meio onde está à ausência do falecido, terceira tarefa. De acordo com Rodrigues (2016), o enlutado tem uma visão amplificada do papel que o falecido exercia no ambiente em que estava inserido. No que se refere a essa tarefa, assumir a posição e em algumas ocasiões os deveres que o ente querido possuía, torna-se um ofício árduo propiciando rejeição a adaptação da perda do ente querido. Para que essa tarefa seja bem sucedida é fundamental o progresso das incumbências que outrora faziam parte do ambiente do falecido e que agora é necessário ser realizado pelo enlutado, definindo assim como um avanço na terceira tarefa, apresentando continuidade ao ambiente (WORDEN, 1998).

Reconduzir em estados emotivos o ente querido e prosseguir com a vida, quarta e ultima tarefa. Para alguns é muito complicado o passar por essa tarefa, pois se trata de avançar com a vida sem a pessoa que amava, existem alguns que decidem não amar outra pessoa e se fecham para tal sentimento, outros decidem apegar-se aos objetos que o ente deixou. Porém, cabe a decisão de seguir com a vida por mais que a dor e a saudade ainda estejam presentes, dar continuidade não quer diz que o amor pela pessoa falecida ficou esquecido, prosseguir apenas diz que ainda existe amor dentro de si para outras pessoas (WORDEN, 1998).

Desempenhar essas tarefas argumentadas por Worden (1998) auxilia no processo da vivência do luto. Segundo Worden (1998), ao finalizar as tarefas cessará também o luto, entretanto, o período em que cada tarefa será concluída ocorrerá de acordo com a singularidade de cada ser enlutado, sendo assim, não possuindo um tempo determinado para o término do luto. Uma das probabilidades é observar a fala sobre os pensamentos do ser

enlutado, quando o indivíduo já não sofre tanto ao recordar do falecido, identificando, portanto como uma das possíveis características que o luto teve fim (WORDEN, 1998).

## 2.2 AS MODIFICAÇÕES DECORRENTES DA MORTE DE MEMBRO FAMILIAR.

A morte de um familiar acarreta modificações na estrutura da família, a ausência de um membro provoca desconforto para alguns, posições diferentes para outros, um diálogo possivelmente deficiente, ou uma união não vista anterior à morte do membro da família. As circunstâncias dos fatores relacionais caracterizam que tipo de relacionamento os familiares possuíam com o ente (MARQUES, 2015). Essas modificações podem ser benéficas ou não na vivência do luto, levando em consideração que o meio familiar deve aderir cautela nas relações de parentesco, para que haja um processo de luto adequado para todos (GOMES, GONÇALVES, 2015).

Ao receber a infeliz notícia do óbito de um membro da família o parente imediatamente sente um turbilhão de sentimentos, sendo caracterizado em algumas vezes com choro constante, raiva, desejo de ficar sozinho, dentre outras. Braz e Franco (2016) afirmam que o luto terá sua intensidade conforme o apego em que a pessoa tinha para com o falecido; os primeiros dias são extremamente dolorosos; com a passagem dos ritos de funeral e sepultamento, grande parte dos parentes volta para a suas casas e aqueles que ficaram aderi à solidão, alguns necessitam apenas de alguém que possuía alguma afinidade com o falecido para juntos poderem falar da importância que o mesmo tinha na sua vida, contar as grandes proezas que fizeram juntos, ou simplesmente expressar em palavras o quanto o amava. Esse ato faz parte da estrutura no ambiente familiar, sendo, portanto, imprescindível.

Existe aquele familiar que outrora era sempre presente, e após a morte do seu ente querido vive em um estado de isolamento, sendo a modificação que ele achou apropriada para poder lhe dar com a dor da morte, preferindo estar só. Os demais familiares cabem compreender essa decisão, mesmo que no primeiro momento seja difícil, mas, no entanto, faz parte da necessidade desses indivíduos para que ele consiga se reorganizar com essa falta (RODRIGUES, 2016).

Possivelmente terá aquele membro da família que assumirá o lugar do ente querido, exercendo as funções que dantes pertencia ao falecido; podendo o enlutado sentir imenso desconforto na realização do ofício, em algumas situações o enlutado se depara com tarefas as quais anteriormente evitava desempenhar, tais como questões financeiras, levar os filhos a escola, reuniões, compras mensais. Quando se dá conta está enfrentando a vida sem o

ente querido; talvez seja nesse exato momento que acontece o reconhecendo da importância que o falecido possuía no contexto familiar (KUBLER-ROSS,1996).

Um olhar deve ser direcionado as crianças no enfrentamento do luto, os adultos tendem a privar as crianças desse processo de luto, entendendo que o pensamento é de proteger as crianças do sofrimento que é ocasionado pela perda, porém é de extrema importância que elas vivenciem esse momento, para que futuramente elas estejam bem organizadas com os sentimentos em relação à ausência do seu ente querido, ressaltando que as crianças cada uma na sua faixa etária são capazes de elaborar a perda e sentir de maneira saudável a dor ocasionada por ela (KUBLER-ROSS, 1996).

Por mais que a morte seja vista para todos como um fato que inevitavelmente um dia acontecerá, no momento em que esse fato se torna real independente do preparado que o indivíduo tenha com relação à morte, ao saber da perda, o choque é notório, e a retirada desse ente querido do grupo familiar certamente traz consigo mudanças na configuração, nas atitudes e em diversos outros aspectos que estejam relacionados à convivência da família (SILVA, MARINHO, 2017).

### 2.3 QUANDO O LUTO DEIXA DE SER NORMAL E TORNA PATOLÓGICO

O luto é considerado um processo, o qual a pessoa enlutada passa pelo enfrentamento da perda. Segundo Freud (2011), a perda esta designada ao seu objeto de desejo, sendo este ocasionado pela ausência de um ser humano ou um bem material como já mencionado anteriormente. De acordo com Braz e Franco (2016), passar por esse processo é algo normal, desde que este seja vivenciado de conformidade, com as tarefas e sentimentos que um luto saudável é composto. Caso o processo emocional desenvolvido no luto não seja de acordo com o que a ciência expressa ser benéfico na elaboração da perda, torna-se, portanto, um fator patológico.

O processo do luto ocasiona em quem passa por ele um comportamento desinteressado pelo mundo ao redor, um sentimento de dor profunda com a perda do seu ente querido, privação na habilidade de dedicar sentimentos de carinho a outro objeto, gerando uma diminuição na libido; no decorrer do luto o indivíduo necessita da capacidade de retirar sua libido do objeto de desejo ou mais precisamente redirecionar sua libido a um objeto substituto, proporcionando a existência da perda do objeto; não quer dizer que o ente querido será esquecido, no entanto se tornará lembranças, quando esse fato ocorre o ego esta livre, estabelecendo assim um equilíbrio psíquico com o deslocamento libidinal. É um processo

duradouro e doloroso que tem fim, desde que de uma maneira consciente o indivíduo encare a realidade da morte, e se permita a viver, mantando o falecido em um lugar simbólico, mas tendo experiências com novas possibilidades; fatos que proporciona valor ao ego (GOMES, GONÇALVES, 2015).

De acordo com Braz e Franco (2016), coeficientes de proteção e risco provocam a maneira como esse luto será elaborado se em um andamento considerado normal ou patológico, esses fatores de acordo com Worden (1998), estão inseridos no contexto relacional, circunstanciais, históricos e pessoais. Braz e Franco dizem que esses fatores tanto de risco como proteção podem alterar de conformidade com o contexto.

No que diz respeito à patologia do luto o indivíduo se inferioriza não permitindo ter a predisposição para amar novamente, aderindo um derrotismo, se desinteressando pelo mundo. No estado melancólico a perda do objeto aparenta acontecer de maneira inconsciente, caracterizado não pela perda da pessoa, mas sim pelo o que perdeu na pessoa, neste caso trata-se da perda de uma parte do ego, não de um objeto de desejo, pois o indivíduo sofre pelo amor ao objeto. A libido então depositada no objeto é liberada e convertida para o ego propondo uma ligação com objeto, colocando parte do ego em oposição à outra parte (FREUD, 2011).

O indivíduo melancólico se culpa e entende que merece ser castigado por tudo, tem uma necessidade de se difamar em público, compreende que precisa ser punido. Na realidade o melancólico se identifica com o objeto perdido, ele conserva o objeto dentro de si mesmo, tendo em vista não perder esse objeto, Freud (2011) denomina essa atitude como um quadro narcísico. O ser melancólico está em uma condição de vazio extremo, considerando uma pessoa sem valor, fraco, desprezado. O ser melancólico possui um discurso agressivo contra ele mesmo; decorrente disso a parte do ego relacionada ao objeto de amor é acometida por ódio, e por intermédio dessa condenação que o estado de melancolia se caracteriza a uma tortuosidade com objeto amado e uma retaliação para com o mesmo, sendo essas atitudes formuladas em sintomas (GOMES, GONÇAVES, 2015).

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA**

A pesquisa caracterizou-se na abordagem qualitativa e descritiva, desenvolvida com a utilização de procedimentos que abordam o processo de luto em suas dimensões subjetivas e processuais. As investigações consistiram na produção de dados por meios de pesquisa

bibliográfica e entrevistas. Foram analisadas obras que discutem a temática como a do texto de Sigmund Freud, *O luto e melancolia* (1917/2011), e a obra de Kubler-Ross, *Sobre a morte e Morrer* (1996). Ademais foram consultadas as bases de dados LILACS, Scielo e PEPSICO, para discussões recentes sobre o assunto. Dessa forma, foram elencados artigos publicados entre os anos de 2015 a 2019, através dos descritores luto, enfrentamento, reorganização, família, sendo os artigos inclusos referentes às modificações da estrutura familiar. Tendo sido convidados a participar da pesquisa pessoas que vivenciaram a perda de ente querido, sendo estas pessoas moradoras da cidade de Sete Lagoas MG. (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010).

### 3.2 COLETAS DE DADOS

#### 3.2.1 Participantes

Participaram da pesquisa 8 (oito) pessoas, dentre elas homens, mulheres e uma criança, as quais aqui serão identificadas como; F1; F2; F3; F4; F5; F6; F7 e F8, residentes na cidade de Sete Lagoas MG, sendo essa seleção de acordo com a disponibilidade e horário das pessoas tendo por critério de seleção a perda de um membro familiar.

ENTREVISTADOS	SEXO	IDADE	GRAU DE PARENTESCO	TEMPO DA PERDA
F1	Feminino	49 anos	Mãe	9 anos
F2	Criança/Masculino	10 anos	Mãe	4 anos
F3	Feminino	32 anos	Pai	8 meses
F4	Feminino	36 anos	Mãe	6 anos
F5	Masculino	53 anos	Filha	10 anos
F6	Feminino	27 anos	Irmã	4 meses
F7	Masculino	51 anos	Mãe	9 anos
F8	Feminino	64 anos	Esposo	1 ano

#### 3.2.2 Instrumentos

A pesquisa foi realizada no mês de abril e maio do ano de 2019, mediante pesquisas bibliográficas e entrevistas semiestruturadas, sobre o teor em questão, de maneira que, no desenrolar das entrevistas apareceram novas indagações pautadas no propósito inicial (GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2010)

### 3.2.3 Procedimentos

A princípio, foi feita uma revisão bibliográfica direcionada as vivências do luto na subjetividade, visando o contexto familiar e possível patologia na má elaboração do luto. Em seguida, a pesquisadora contactou os participantes que residem em Sete Lagoas MG, os quais vivenciaram a perda de um ente querido, indagando-os sobre o teor da pesquisa. Sendo, portanto as entrevistas executadas de maneira individual em conformidade com a disponibilidade de cada participante, tendo em média 60 minutos como tempo estimado. Cada participante teve em mãos a autorização da pesquisa de campo e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo este a garantia do sigilo e preservação da identidade de cada participante.

### 3.3 ANÁLISES DE DADOS

A princípio na análise de dados foi feita uma leitura detalhada sobre a temática da pesquisa, subsequente a definição do objetivo e pressupostos, e por fim uma transcrição em sua totalidade das gravações realizadas nas entrevistas, como também a leitura da mesma. Posteriormente a esse minucioso processo os resultados foram analisados com base no material bibliográfico pesquisado. As categorias selecionadas respondem aos objetivos da pesquisa; processo do luto, luto de membro familiar, modificações no contexto familiar, má elaboração do luto (BARDIN, 2016).

## **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1 A PERCEPÇÃO INICIAL DA PERDA E O ENFRENTAMENTO DA AUSÊNCIA.**

Com base nas falas de todos os entrevistados, inicialmente ao receber a notícia de uma perda, acarreta um sentimento de dor inexplicável, sensação de paralisia física, uma

recusa a acreditar, que de fato a pessoa a qual se tem uma ligação de amor não esta mais presente. De acordo com Freud (2011), a uma libido depositada sobre o objeto de amor e quando ocorre essa perda do objeto, a libido que outrora depositada se vê obrigada a fazer uma ruptura com o objeto, ocasionando nesses possíveis sentimentos.

Diante dessa falta do objeto amado, inicia o processo do luto, e cada individuo terá sua particularidade ao vivenciá-lo, como pode observar através das falas dos entrevistados F1, F2, F4.

*Ah! Eu sabia que minha mãe estava à beira da morte, mas deixei pra sofrer somente quando ela fechou os olhos. Mas eu estava preparada pra morte dela, não chorei. [...] Quando fui para casa, ai sim chorei, chorei muito, tinha perdido a pessoa que me amava de verdade. [...] (F1).*

*Eu era muito pequeno, só ouvi meu pai dizendo para minha avó que minha mãe tinha morrido, eu chorei, mas não sabia direito o significado de morte, sabia que era ruim, porque minha mãe já esta doente, no hospital já tinha dias [...] (F2).*

*Minha mãe estava ótima, tínhamos recentemente feito exames e ela estava ótima. Eu não imaginava a morte dela, pelo fato de estar com a saúde excelente e com uma predisposição pra viver (F4).*

As falas acima citadas mostram o início de um luto, o primeiro impacto com a notícia da perda de um ente querido. Essas falas representam a primeira tarefa proposta por Worden (1998), que está relacionada à aceitação da realidade do fato que a pessoa se foi, e podem ser observadas por meio das falas as diferentes formas de aceitação e também a negação dessa realidade.

Passado o choque da notícia do falecimento o indivíduo tem a dura realidade de viver com a ausência do seu ente querido. E as coisas já não são como antes, existe um vazio dentro do lar, uma saudade com um misto de dor que insiste em permanecer. Diante desse fato cada um terá a sua maneira para elaboração da ausência. Fica clara essa forma por meio das falas dos entrevistados F1, F8 e F6.

*Quando minha mãe morreu eu decidir colocar uma mochila nas costas e rodar trecho na boleia de um caminhão, eu tinha compreendido que nada mais me segurava que era hora de fazer as minhas vontades, sem dar satisfação [...] (F1).*

*O meu filho almoça comigo todos os dias e ele é muito calado [...] mas no almoço falamos como era o pai dele e lembramos ate de coisas engraçadas que vivemos juntos, e isso é tão bom [...] (F8).*

*Minha irmã era como se fosse uma mãe pra mim, lidar com ausência dela é a pior coisa da vida [...] eu não gosto de falar com as pessoas sobre isso, eu gosto mesmo é de relembra tudo que já vivemos. Tenho uma caixa cheia de coisas delas “nossas” e eu me sinto bem ao reviver em pensamentos tudo que esta dentro dela [...] (F6).*

De acordo com Bowlby (1985), essa fase do luto é primordial, pois a ausência do ente querido é permanente, e o enfrentamento da ausência proporciona um luto bem elaborado. Pode-se observar por meio da fala do entrevistado F8 uma elaboração saudável, que em meio a dor da saudade existe gozo nas lembranças vividas. No entanto, para o entrevistado F6 a aceitação da ausência ainda está laboriosa, sendo que mostrou dificuldade diante da entrevista para falar sobre a sua dor.

#### 4.2 O ENFRENTAMENTO DA PERDA NO COTIDIANO, DIANTE DO CONTEXTO FAMILIAR

Kubler-Ross (1998), afirma a importância dos ritos fúnebres. Através da fala do entrevistado F7 é notório a importância de se fechar um ciclo “ *Preferi não ver minha mãe morta, não quis entrar de jeito nenhum. Depois disso não gosto de ir em velório de ninguém, Deus me livre [...] morte[...]*”. O entrevistado se sente oprimido após a morte de sua mãe, durante a entrevista teve certa dificuldade para falar abertamente sobre o fato que a morte é algo real. No entanto para o entrevistado F5 todos os ritos foram vivenciados, como se pode ver em sua fala, “ *eu fiz tudo que me era possível para o benefício da minha mãe. Fiquei ao seu lado até no último adeus, onde vi que realmente do pó viemos e pra ela voltaremos. Fui o seu sepultamento para que pudesse prestar minha última homenagem.*” Segundo Kubler-Ross (1998), após os ritos retoma para a vida sem a presença do ente querido.

De acordo com as entrevistas, o mais difícil no processo do luto é o convívio no contexto familiar com a ausência da pessoa que se amava. Para os que moram na mesma casa que outrora também era do ente querido o dia –a –dia se torna um tormento, principalmente no início, onde cada detalhe remete ao ente querido e o sentimento de dor, tristeza e saudade ficam mais explícitos. Segundo Rodrigues (2016), os enlutados adquiriram uma sensibilidade intensa do posicionamento que o falecido exercia no âmbito familiar.

De acordo com Marques (2015), a maneira como se relacionavam os membros familiar com o ente querido determina as circunstâncias que este luto acarretará na estrutura do contexto familiar. Frente a esse assunto a entrevistada F8 afirma que “ *eu tenho medo de sair de casa, não no sair em si, na rua, nas pessoas; não, não é sobre isso. Tenho medo quando volto e meu esposo não vai estar a minha espera.*” Braz e Franco (2016), diz que a intensidade do luto é determinada pelo apego que enlutado tinha para com falecido.

Em determinado contexto familiar o enlutado tem a necessidade de se manter um pouco afastado dos demais familiares, entendendo que sua dor será mais intensa caso esteja

perto de pessoas com as quais trazem a lembrança do seu ente querido, como mencionado pelo entrevistado F3.

*Ah [...] perdi a vontade de ir em Caetanópolis, cidade onde meu pai vivia e onde todos os meus familiares ainda vivem. Eu não gosto de ir lá, é muito ruim. Não gosto de ficar pensando sabe? [...] (F3).*

De acordo com Kubler-Ross (1998), é necessário um diálogo sobre a perda do ente querido com as crianças, caso exista alguma no contexto familiar, pois as crianças possuem sentimentos e além do mais uma percepção do ambiente e sentem a falta do ente querido, que já não se encontra mais entre eles, como pode ser visto através das respostas dos entrevistados F2 e F3

*Ninguém me falou nada, eu ouvi meu pai dizer a minha avó. Eu tinha três anos, e já não tinha mais minha mãe. É estranho [...] hoje estou com 10 anos e até hoje não se falam comigo sobre o que aconteceu [...] (F2)*

*Minha filha mais velha era muito ligada a minha mãe. Quando a minha mãe faleceu eu estava com tantos problemas com a minha filha mais nova que tinha acabado de nascer e estava sem expectativas de vida, diante de tudo isso acabei contando sobre a morte da minha mãe para a minha filha mais velha dois meses depois do falecimento. E ela me desmontou quando disse que já sabia de tudo. E essa percepção, apenas com quatro anos de idade. Hoje vejo que toda essa turbulência afetou e ainda afeta as emoções da minha filha. (F4)*

É importante destacar que as crianças precisam ser inclusas nestes momentos, pois elas sentem a ausência, elas também possuem sentimentos relacionados ao ente querido, a seu modo, de conformidade com sua faixa etária, elas sabem organizar a perda.

Podem ocorrer diversas modificações no âmbito familiar e com elas várias maneiras de se adaptar ao meio em que o ente querido já não se faz presente. Cabe, portanto, ao indivíduo em sua subjetividade vivenciar o luto de uma maneira saudável, como Worden (1998), assim orienta.

#### 4.3 A MÁ ELABORAÇÃO DO LUTO PROPORCIONA POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS PATOLÓGICAS

De acordo com Gomes e Gonçalves (2015), o processo do luto traz consigo uma alteração no enlutado, podendo gerar tristeza profunda, desinteresse, como diversos outros sentimentos e comportamentos já mencionando. Diante desses fatos Braz e Franco (2016), afirmam que os coeficientes de proteção e risco determinam a maneira de elaboração do luto,

sendo, portanto, um luto saudável ou patológico. A fala dos entrevistados F5 e F8 traz uma colocação sobre essa diferenciação de um luto patológico para um luto bem elaborado.

*Hoje eu ainda choro[...] mas choro de saudade, saudade da grande pessoa que meu esposo era, tão querido por todos. Mas entendo que eu fiquei e que devo continuar a fazer a minha vida valer, assim como ele, que nos deixou um legado. (F8)*

*Hoje eu não tenho mais a alegria de celebrar a vida, não vejo essa necessidade. Sei lá [...] tudo é ruim sem “ela” aqui. Já não tem como festejar ou mesmo dizer sobre a vida, se logo (F5)*

Diante da fala do entrevistado F5 nota-se a interiorização do indivíduo, a perda do interesse pela vida, ocorrendo o que Freud (2011), vai chamar de interiorização da libido, não tendo, portanto, um redirecionamento para outro objeto de amor ocasionando em estado melancólico.

Gomes e Gonçalves (2016), diz da necessidade de um acolhimento para tais indivíduos. De acordo com as entrevistas é possível perceber a necessidade de profissionais capacitados para esse acolhimento, devido ser um tema pouco tratado e diante do contexto social quase nunca mencionado. A dor da perda precisa ser exposta e não retida, se faz necessário senti-la para que se torne saudável.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa relacionou-se com a maneira como se enfrenta o luto e as modificações que a perda de um ente querido proporciona no âmbito familiar. Devido a essas transformações, tanto no que se refere ao processo do luto, como na estrutura da família, buscou-se analisar, descrever e classificar as adversidades encontradas no luto, e como os familiares as faceiam ao se ocasionarem com a perda de um ente.

Diante do problema apresentado, identificou-se a peculiaridade no enfrentamento do luto e as diversas modificações que a ausência do ente querido desencadeia no contexto familiar. Ressaltando a necessidade de diálogo sobre a temática, ao observar uma resistência ao abordar a falta do falecido no cotidiano, tendo-se, portanto, dificuldades em expressar a dor ocasionada pela perda do ente querido, o que em alguns casos possivelmente é um fator agravante, pois a má elaboração das tarefas do luto possivelmente propicia na patologia do mesmo. Ressaltando, portanto a importância de se ter um acompanhamento nesse processo sendo um fator perceptível com alguns dos entrevistados que participaram de um grupo de apoio que trabalha com foco no luto.

Diante desse fato, cabe salientar uma deficiência na elaboração desta pesquisa, devido uma carência na literatura brasileira sobre o tema, referente à contemporaneidade. Este estudo agrega em si importância e instigam novas pesquisas, para que se possam abranger os conhecimentos sobre temática levando em consideração as demandas que este assunto acarreta, portanto, a contribuição dessa pesquisa é essencial para as famílias enlutadas e profissionais da psicologia referente às intervenções.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. A espiritualidade como elemento de resiliência psicológica no enfrentamento do luto: uma análise a partir de estudos de casos de pais enlutados. Tese (Doutorado). Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/4611>>. Acesso em 4 de maio de 2018.

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995. 136 p.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

Braz, M.S.; Franco, M.H.P. (2016). Prevenção de Luto Complicado. *Psicologia: Ciência e Profissão* Jan/Mar. 2017 v. 37 n°1, 90-105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>

BOWLBY, J. Apego e Perda. V.3. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

DELALIBERA, Mayra et al. A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1119-1134, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232015000401119&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000401119&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 jun. 2018.

FUKUMITSU e KOVÁCS, Maria Júlia. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-53712016000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000100002)>. Acesso em 18 jun. 2018.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Trad. J. Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 275-291. (Trabalho original publicado em 1917)

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Gomes, Lauren Beltrão; Gonçalves, Jadete Rodrigues. *Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica*, 2015

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes*. 9. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Lari LR, Shimo AKK, Carmona EV, De Moraes MHL, Campos CJG. Suporte aos pais que vivenciam a perda do filho neonato: revisão de literatura. *Aquichan*. 2018; 18(1): 80-94. DOI: 10.5294/aqui.2018.18.1.8

LUNA Ivania, MORÉ Carmem *Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto*, 2017

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, M. Fatores que impedem a resolução do luto, psicologia. pt ISSN 16466977 documento publicado 05.04.2015

OLIVEIRA, Ariana Q. de. et al. Rituais de luto e sua função reconstrutora em desastres. In: FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). *A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática*. São Paulo: Summus, 2015.

RAMOS Vera, O PROCESSO DE LUTO, INSS 1646-6977 Documento publicado em 25.09.2016

RODRIGUES Vania, uma revisão da literatura acerca do processo de elaboração do luto no sistema familiar e os manejos usados por psicólogos nesse contexto, INSS 1646-6977 documento publicado em 05.06.2016

SILVA, Daniela Reis e. Na trilha do silêncio: múltiplos desafios do luto por suicídio. In Casellato, G. *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus, 2015, pp.111-128.

SILVA Lorena, MARINHO Carlos, SUICÍDIO: ASPECTOS REACIONAIS E O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LUTO NA FAMÍLIA psicologia. pt ISSN 1646-6977 documento publicado 05.11.2017

WORDEN, J. William. *Terapia do Luto, um manual para o profissional de saúde mental*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1998

## ANEXO 1

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Título da Pesquisa: *O luto, suas vivências e as modificações da estrutura familiar diante da perda do ente querido.*

Eu, Natasha Narcia Marques Dias Gonçalves, discente da Faculdade Ciências da Vida (FCV), estou realizando a pesquisa acima intitulada, que tem como objetivo analisar o enfrentamento do luto no contexto familiar, sendo realizado com moradores da cidade de Sete Lagoas Minas Gerais. Para isto, convido você a participar desta pesquisa, por meio de uma entrevista semi-estruturada norteada por questões relativas à sua vivência com a perda de um membro da família.

Informo que, uma vez aceitando colaborar com a pesquisa, não haverá prejuízo, despesas e/ou custos no que diz respeito a sua participação neste estudo, que o risco de sua participação é mínimo (pode haver desconforto com algumas perguntas e gasto do seu tempo). Você terá a liberdade para desistir da mesma a qualquer momento, sem que essa atitude implique prejuízos a você. Assumo, ainda, o compromisso de lhe esclarecer, antes e durante o curso da pesquisa, todos os procedimentos que serão adotados.

Você também poderá solicitar esclarecimentos ao Comitê de Ética em pesquisa da instituição responsável cujos endereços e telefones encontram-se abaixo descritos. Esclareço que a entrevista poderá ter duração média de 10 a 30 minutos. Peço, ainda, sua autorização para que a mesma seja gravada, a fim de facilitar o registro das informações e otimizar o tempo de nossa conversa. Após o término da pesquisa e transcrição das entrevistas o registro das mesmas será desprezado.

Finalmente, assumo o compromisso de manter sigilo de sua identidade, utilizando as informações que fornecerá através de um codinome de conhecimento apenas da pesquisadora.

Os dados obtidos poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas, mas seu nome não aparecerá nas mesmas.

Assim, coloco-me à disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessário, através dos telefones abaixo relacionados.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter compreendido o exposto, estar ciente de que serei informada sobre todos os procedimentos a serem realizados no decorrer desta pesquisa, e que concordo em participar da mesma, não me opondo que a entrevista seja gravada.

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e a outra será arquivada com a pesquisadora.

Participante do estudo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de 2019

Pesquisadora: Natasha Narcia Marques Dias Gonçalves

Assinatura: \_\_\_\_\_

Telefone: (31) 9 9500-4680

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de 2019

**Instituição:** Faculdade Ciências da Vida

Av. Prefeito Alberto Moura, 12632, bairro das Indústrias,

Cep 35.702-383 – [prof.luciana.cassino@gmail.com](mailto:prof.luciana.cassino@gmail.com)

## **ANEXO 2**

**Pesquisa para conclusão de curso: O luto, suas vivências e as modificações da estrutura familiar diante da perda do ente querido.**

**Faculdade Ciências da Vida**

**Graduando: Natasha Narcia Marques Dias Gonçalves**

**Orientadora: Luciana Cassino**

### **Questões da entrevista**

1. Há quanto tempo ocorreu a perda do seu ente querido?
2. Como era a sua relação com essa pessoa?
3. Inicialmente quais sentimentos surgiram com a perda do seu ente?
4. Como foi o seu comportamento nos primeiros dias com a ausência do seu ente querido?
5. Existe alguma criança no contexto familiar que era próxima a esse ente?
6. Como foi transmitido a essa criança a notícia do falecimento?
7. Como esta a funcionalidade da família sem a presença do ente?
8. Alguém dentro do contexto familiar assumiu as responsabilidades que pertenciam ao falecido?
9. Como você se sente hoje, com essa ausência?

